

Este número é consagrado às Bodas de Ouro do Carnaval de Loulé e traduz uma homenagem do conselho a todos os que têm contribuído com o seu esforço para manter uma dignificante tradição de Loulé.

ANO IV—N.º 76

JANEIRO

15

1956

Loulé

QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44—LOULÉ—Tel. 216

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

Composto e Impresso na TIPOGRAFIA UNIÃO—Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.—FARO—Telefone 154

O CARNAVAL DE LOULÉ

Uma história com barbas brancas

REPORTAGEM RETROSPECTIVA...

Por Raul Pinto

ESTAMOS em Outubro de 1905... no Café Barbosinha, ponto de reunião da mocidade do tempo... Ventura Barbosa, ou melhor, Ventura de Sousa Barbosa, era o homem do dia e dono do Café que ocupava parte das actuais instalações da Singer e da Sapataria Elias...

Regressara de Anvers, onde fizera um estágio de dois anos, na aprendizagem de línguas e negócios de exportação, José da Costa Guerreiro. Reuniam-se ali os manos José Estelita e Francisco Leal, Dr. Marreiros Neto, Manuel dos Santos Pinheiro Júnior, José da Costa Ascensão, os manos Francisco e Alberto Formosinho, os manos Teixeira, David João e José, Artur Gomes Pablos, Joaquim Cândido Pereira de Magalhães e Silva, Joaquim Pedro Raimundo, José Joaquim Gonçalves, Francisco Fernandes da Silva, Manuel Guerreiro Cabeçadas, José Mar-

tins Junior, António Martins Barbosa, Manuel Vaz de Mascarenhas, Alexandre Luís Ferreira Barros e outros que se divertiam jogando ou parolando sobre os assuntos da vila. Aproximava-se a inauguração



Manuel dos Santos Pinheiro Junior

do Mercado da Vila que, afinal, só viria a ficar concluído em 1907.

José da Costa Guerreiro descrevia cenas e aspectos da vida do estrangeiro que,



José da Costa Guerreiro

Os Veteranos do Carnaval de Loulé



Alberto Rodrigues Formosinho

num tempo em que só raros viajavam, adquiriam um sabor de mistério e atracção... Uma noite, a conversa versou o tema do Carnaval e relatou as maravilhosas festas a que assistira nesse ano. Demonstrou como tudo era diferente do que se fazia, do género dos carros ornamentados, da elegância e distinção que ali se punha na celebração de tais festividades.

O dono do Café escutava

embevecido estas descrições que tanto quadravam ao seu feitio de idealista, sonhador, entusiasta por ideias novas e arrojadas e logo lançou a isca...

Porque não fazer em Loulé, um Carnaval civilizado? Porque não havia Loulé de organizar uma realização que desse brado



Francisco Fernandes da Silva

no Algarve? Porque não se aproveitava a sugestão de fazer uma coisa parecida com o que José da Costa Guerreiro vira em Anvers?

E daí nasceu a ideia que o Venturinha encabeçou e

da qual se fez eco junto dos seus clientes, com tal propaganda que, a breve espaço, a todos contagiou, tomou vulto e entusiasmo, transcendeu o âmbito do Café, espalhou-se pela vila e gerou o CARNAVAL de 1906, sob o pomposo nome de Carnaval Civilizado de Loulé.

Nos outros pontos de cavaco e reunião, que eram a Farmácia Pinheiro, onde pontificavam José Fernandes Guerreiro, Dr. Cândido Guerreiro, o Juiz e Delegado da Comarca, João de Aragão Barros e outros, na Farmácia Santos onde eram assíduos os Priores Calapez e Miranda, os manos José e Joaquim Rocheta, o escrivão Farelo e outros na loja do Francisco dos Oculos onde se reuniam os vultos políticos, e nas barbearias mais destacadas como as do António da Roncante, do Diogo Quintino, onde trabalhava o António Aniceto e na da Praça que era do António Mendes conhecido pelo «Taranja», especialista em tirar dentes, abraçou-se com o maior entusiasmo a ideia e todos se lançaram em sua defesa e propaganda, vivendo um ambiente de euforia e exaltação parecido com o que hoje se vive a 15 dias do Carnaval.

(Continuação na 2.ª página)



Americana enfeitada



Viajando sobre malmequeres

50 anos de tradição afirmam a graça e a distinção do Carnaval de Loulé

(Continuação da 1.ª página)

O Grupo Cénico local, ensaiado pelo mestre José de Freitas (José Francês) e do qual faziam parte Artur Gomes, José da Costa Guerreiro, Joaquim Pedro Raimundo, Alberto Formosinho, Artur Sequeira, João Simplicio de Barros Santos, Manuel dos Santos Pinheiro, António Mendonça Bonixe, Sebastião Avelino Ramos, Ventura de Sousa Barbosa, António Martins Barbosa e o farmacêutico António Carrapiço Segurado e duas grandes artistas amadoras, as irmãs Lanças (Beatriz e Sara) deu o seu apoio à Festa e logo se esboçou o programa que seria:

Domingo Gordo, matinee no Teatro Municipal;
Segunda-feira: corso na Praça da República;
Terça-feira: repetição do corso e soirée no Teatro.

Bicas Novas e nele tomaram parte vários carros cujo número é difícil reconstituir pela confusão natural a tantos anos de distância.

Do arquivo fotográfico da época conseguimos reconstituir os seguintes:

dos srs. Alberto Formosinho e José de Sousa Oliveira.

Com o produto das receitas e os donativos de algumas senhoras realizou-se depois um bodo aos pobres, que teve lugar à porta da escola.

sentando uma loja onde se vendiam fazendas;

«Cesta» do sr. Pilar Taxinha; «Um carro ornamentado» da família do sr. José Fernandes Guerreiro;

«Carro de Bêbê» do sr. Francisco Fernandes da Silva;

«Americana enfeitada» dos srs. José Lourenço da Piedade e José Martins Júnior;

Magalhães e Silva; «Cavalo ajaezado» cujo autor não conseguimos identificar.

«Carro de Malmequeres», das srs. D. Francisca da Piedade Formosinho, D. Maria Augusta da Piedade Barros, D. Alice Mendonça e D. Maria da Piedade V. Pinto Lopes.

Foi ruidoso o sucesso do Carnaval deste ano e interessou toda a província que aqui ocorreu.

No Teatro Municipal, representou-se uma interessante «charge» aos veredores da Câmara, intitulada «Os Sete Edis» da autoria de José Joaquim Gonçalves, sob o pseudónimo de «Zé Caturra» e em que cada personagem encarnava a figura de um dos veredores que cantavam em coro:

Nós somos sete, sete, sete, só (sete)

Omnipotências
Muito afamadas,

Nós somos sete, sete, sete, só (sete)

Sete excelências
no Mundo celebradas
Como o edil
Quem tem



Carro dos leques

E assim teve lugar a primeira festa do Carnaval de Loulé, cujos 50 anos se comemoram em 1956.

— 1907 —

A falta de melhores elementos, pois em quase todas as pessoas ouvidas há falhas de memória em relação a nomes e confusão entre os componentes de algumas comissões dos diversos anos, quer-nos parecer que, ainda em 1907, o espírito de organização que presidiu aos festejos do



Bodo á porta da escola



Uma cesta enfeitada

As peças, que logo entraram em ensaios, eram: A Pegureira e Intrigas no Bairro.

A orquestra seria dirigida pelo Dr. Frutuoso da Silva e dela faziam parte, como violinos, o pai deste, Dr. Belchior M. F. da Silva, João Guerreiro (Guerreirinho) Anastácio Carapeto e José Caraca. A flauta estaria a cargo de Alexandre de Barros Santos, os cornetins de músicos locais e o rabecão a cargo de Miguel Flores.

Tudo se realizou com grande luzimento.

O corso realizou-se do Largo dos Inocentes até às

«CISNE», com os srs. José da Costa Guerreiro e Carrapiço Segurado;

«BOSQUE», do sr. José da Costa Ascensão;

«AUTOMÓVEL», dos senhores Francisco Fernandes da Silva e Manuel Guerreiro Cabeçadas;

«CESTA»



Carro de bebê

«Coreto com Filarmónica» do sr. José da Costa Ascensão;

«Americana Enfeitada» da sr.ª D. Sebastiana Ascensão;

«Cesta» do sr. Santana (Abilheira); «Funilaria» do sr. António Bento Carrilho;

«Olaria» dos srs. Francisco Chalaça (Carminho) e Vale Telheiro;

«Cesta» do sr. Dr. Joaquim Cândido Pereira de

Projectos mil? ninguém!...

Sabei, O' terra, O' ceus, O' mar.

que em mim se encerra

Um engenho de pasmar,

Que fez muito e mais promete!

Nós somos sete

bem muito iguais

fenomenais

camaristas d'uma cana

Neste mundo sem rivais

bem iguais

No Palcar

e no cantar!

Depois, isoladamente, cada vereador glosava uma quadra sobre assuntos do seu pelouro, rematada pelo côro transcrito.

Fez sucesso o Carnaval de 1907.

(Continuação na 3.ª página)



Uma cesta

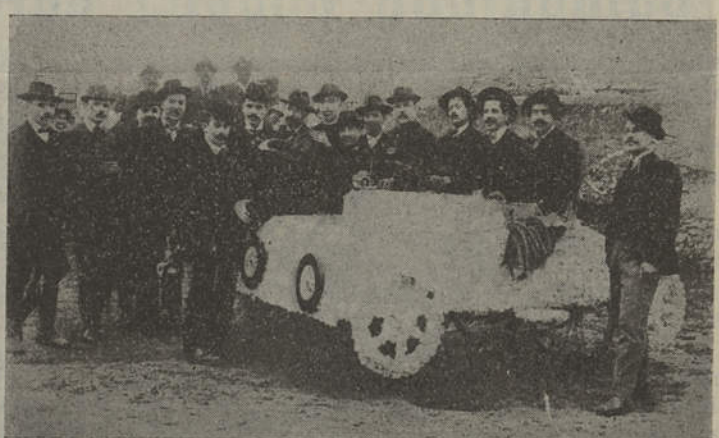
Carnaval, foi o mesmo do ano anterior.

Queremos dizer que a festa se teria preparado no mesmo ambiente do Café do Barbosinha e teria sido organizada esporadicamente, sem comissão expressamente constituída.

No entanto o número de carros ultrapassou de longe o Corso de 1906 que teve de se estender das Bicas Novas à encruzilhada da Corredoura.

Conseguimos registar o aparecimento dos seguintes carros:

«Carro do Comércio» repre-



Uma bicicleta disfarçada em automóvel apresentada pela Comissão seguinte: Da esquerda para a direita: Manuel Cabeçadas, José Seruca, José Elias, José Martins Caraca Leiria, Francisco Fernandes da Silva, António Pedro, Manuel dos Santos Galo, Pedro Alexandre C. Frade, Ildefonso Rodrigues dos Santos, Joaquim Viegas Espadinha, Joaquim Farelo, Manuel Gonçalves Rocheta, José Martins Caraca Junior, Manuel Martins Caraca e João Gonçalves Rocheta.

As Batalhas de Flores de Loulé mantêm as velhas tradições de um Carnaval Fino e Artístico

1908

O Carnaval de 1908 apresenta já sintomas de festa dirigida e organizada. E' preparado com uma circular dirigida aos louletanos e cujo texto se segue:

«Ex.ªs Srs.

Os abaixo assinados, promotores do Carnaval de Loulé, em 1908, desejando imprimir-lhes o maior brilho e mui especialmente tornar o bodo extensivo a maior numero de pobres, solicita de V. Ex.ªs um donativo para esse fim, auxilio que mui respeitosamente agradecemos os que se confessam De V. Ex.ªs Att.ªs Venrs. e creados— (aa) Ventura Barbosa; Arthur Baptista Sequeira; António Martins Barbosa Gomes; José da Costa Guerreiro; João do Nascimento Guerreiro; Francisco d'Assis da Franca Leal; Arthur Gomes Pablos; Maximiano Freitas Barros; Manuel dos Santos Pinheiro Junior».

A Festa teve êxito retumbante e o bodo aos pobres foi falado. Compareceu a Filarmónica, houve vários oradores, entre eles o sr. Manuel Francisco Contreiras. Houve palanque armado à porta da Escola Conde de Ferreira, foram impressos bilhetes postais ilustrados com uma vista do Corso na Praça da República, que serviram depois, para imprimir, nas costas, programas de cinematografo. Esses postais zincogravados eram portadores de uma legenda: — «Recordação — Carnaval de Loulé, 1908» —. Entre os numerosos e já bem construídos carros que figuraram no Corso, fizeram sensação:

«A Torre Eiffel» de António Bento Carrilho; «Sombrinhas Chinesas» de João Abel Teixeira; «As 4 Estações», carro do sr. José Estelita Leal; «A Republica» do sr. José da Costa Ascensão; «Amor Perfeito» do sr. Alberto Formosinho; «Cesta» do sr. Francisco Fernandes da Silva, e «Carro dos Leques» do sr. José Fernandes Guerreiro.

Em complemento das festas houve matinée e soirée no Domingo Gordo, com a «charge» os «3 Sacristas», interpretado por Manuel dos Santos Pinheiro Junior. José da Costa Guerreiro e Joaquim da Piedade Coelho J.ª. A peça de reforço era a opereta «Casamento em Brancane».

De 1908 a 1914, dá-se um largo intervalo na celebração das Festas do Carna-

NÃO é o vulgar Entrudo que se admira em Loulé. E' uma festa elegante, distinta, cheia de colorido e encanto que as suas lindas Batalhas de Flores nos oferecem.

val de Loulé, talvez devido a desentendimento entre componentes das comissões.

E' o periodo agitado da politica, com a substituição do regime, a euforia do advento da Republica o enquadramento de valores individuais na nova politica. Enfim, estes Carnavais hão de oscilar sempre entre lutas e mexericos politicos.

Em 11 de Janeiro de 1914 «O Século publicava a seguinte noticia de Loulé, em carta do seu correspondente, José Assis R. Barros:

«Uma Comissão a que preside o Dr. José Bernardo Lopes, médico municipal propoz-se realizar, com o auxilio do povo louletano, várias diversões para os 3 dias de Carnaval deste ano, estando resol-



Balão para uma viagem interplanetária...

vidos a que os festejos tenham, se não maior ao menos igual luzimento aos que nesta Vila se realizaram em iguais época de 1907 e 1908, e que devem estar ainda na memória de todos os louletanos, como de muitas outras pessoas que de vários pontos do Algarve acorreram a esses brilhantes festejos.

Já foi elaborado o programa das festas, que devem constar de 3 espectáculos, sendo um em matinée, bailes, batalhas de flores, cortejo de carros alegóricos etc...

A Comissão a que esta noticia se refere tinha a seguinte constituição: Presidente, Dr. José Bernardo Lopes; Tesoureiro, Santiago Formosinho Romero; Secretário, Jaime Acácio Rua; Vogais, Joaquim Pedro Raimundo, Alberto Formosinho, Joaquim da Piedade Coelho J.ª, António Vicente Neto, Carlos Augusto Quintino, José de Sousa Ramos e José Maria de Barros Vasques.

Como em 1908 foi dirigida às senhoras desta vila



Dr. José Bernardo Lopes

uma circular «solicitando obulo ou prenda para se fazer um leilão, para com o seu produto e o que restar liquido dos três espectáculos, ser dado um bodo aos pobres, que é sem dúvida o número mais simpático do programa».

Assim se organizou o Carnaval de 1914 que teve a assistência do Dr. Afonso Costa, sua esposa e filha, de uma das janelas da antiga Pensão Elisa, onde hoje é a Sociedade dos Artistas.

Acompanhava igualmente aquele estadista o Dr. Furtado Leite, seu genro, ao tempo Governador Civil de Faro.

Gregório Mascarenhas ainda proferiu algumas frases invectivas da rua para a janela.

Al discursou o nosso conterrâneo José da Costa Ascensão que acompanhou o ilustre visitante.

Era grande o número de carros ornamentados, e que não fazemos referência pormenorizada de futuro, para ganhar espaço de que não dispomos.

Um dos carros era constituído pelos três símbolos: Fé, Esperança e Caridade e diz-se que o Dr. Afonso Costa fizera o seguinte co-



Quando se começou a sonhar em guiar um automóvel...

mentário: «Só do burro que puxa o carro, é que não têm caridade».

De noite, realizou-se na sala da Escola um animado e concorrido baile a que o Dr. Afonso Costa assistiu igualmente com a família.

Uma senhora da nossa primeira sociedade e ainda

viva, pegando num cartucho de confeti, despejou o sobre aquele estadista que, na precipitação deixou cair no chão as lunetas que se estilhaçaram em pequenos bocados. Houve que a senhora sair e ir à antiga Pensão Elisa, buscar uns óculos, pois o Dr. Afonso Costa era extraordinariamente míope.

Veio a primeira Grande Guerra, começaram as desavenças políticas, azedaram-se ânimos, e a amizade dos homens passou a flutuar ao sabor dos dissídios partidários e Loulé sofreu um largo colapso nas suas festas carnavalescas. E' sempre assim, quando os políticos discutem, quem perde é Loulé.

Em 1926 e 1927, integra-



Cesta com flores

das nas brilhantes festas da Misericórdia, realizaram-se Batalhas de Flores, fóra da época do Carnaval, mas que se revestiram de grande brilhantismo.

Em Setembro e Outubro de 1937 sendo Provedor da Misericórdia o sr. Manuel Guerreiro Pereira, iniciou-se no jornal

«O Louletano» uma persistente campanha assinada com o pseudónimo de «Ignotus» que veio a rematar pela realização de uma grande Batalha de Flores na qual tomaram parte 26 carros artisticamente ornamentados. Em 1938, apreciando o êxito e congratulando-se com os resultados «O Louletano», no seu número 240, de 10 de Março daquele ano, dizia:

«Foi uma autêntica parada de bom gosto, uma manifestação de arte, dada com elegância, com ordem, num ambiente de vida e cor, em que apareceu tudo o que havia de mais distinto no Algarve. Até a Natureza foi generosa na dois dias

da coroa presenteando-os com admiráveis tardes de uma temperatura e serenidade mais que primaveris».

«E porque os seus resultados e as suas impressões foram as mais brilhantes e agradáveis, impõe-se a sua repetição, no próximo ano para que a Notável Vila de Loulé demonstre ao nosso Algarve que sabe aliar, quando quere, o bom gosto e a Arte, com os seus sentimentos caritativos».

A receita destas Batalhas de Flores, a primeira cujo produto se destinava às obras a fazer no Hospital da Vila, foi de Esc. 9 680\$00 e a despesa de 644\$10, sendo portanto o saldo liquido de 9,012\$55.

Carnaval dos nossos dias

A medida que esta reportagem cronológica do Carnaval de Loulé, se aproxima da época contemporânea, maiores são os nossos obstáculos e dificuldades em escrevê-la.

Por um lado, vai perdendo o valor de «patine» que lhe dava um ar saudoso de curiosidade e romantismo. Por outro o receio de esquecer algum nome ou pormenor que levante susceptibilidades.

Mas a empreitada foi aceite e não há senão que cumprir. E com a nossa boa vontade e a ajuda dos vizinhos havemos de chegar a porto de salvação.

A segunda etapa do Carnaval civilizado de Loulé, compreende os anos de 1938, 39, 40 e 41.

Este segundo ciclo deve-se à persistência do sr. Manuel Guerreiro Pereira e da brilhante e numerosa Comissão que se constituiu.

A 16 de Fevereiro, publicava o «Louletano» mais um apontamento de «Ignotus» sobre o Carnaval e, desse artigo, rebuscamos o seguinte introito:

«E verdadeiramente surpreendente o entusiasmo que reina na nossa Vila e Concelho e em quase todo o Algarve, a propósito das nossas Batalhas de Flores, em benefício da Santa Casa da Misericórdia. Se o tempo o permitir e a expectativa, por qualquer circunstância fortuita ou ocasional alheia à vontade dos organizadores, não for frustada não será exagero calcular que venham assistir aos festejos muitos e muitos milhares de pessoas de todos os pontos da nossa Provincia ou mesmo de mais longe».

E o tempo esteve bom e a expectativa, foi ultrapassada!

O ano de 1939, foi, de facto, um ano áureo na

(Continuação na 4.ª página)

APROXIMA-SE a época maravilhosa em que o Algarve se veste com as suas melhores galas, cobrindo-se com um manto duma alvura incomparável para receber com um sorriso amigo os visitantes, proporcionando-lhes assim uma sensação antecipada da Primavera.

Assistindo ao Carnaval de Loulé apreciará 2 espectáculos de rara beleza, únicos em Portugal.

O Carnaval de Loulé, está definitivamente consagrado e é bem um forte e escolhido motivo de turismo regional

(Continuação da 3.ª página)

história do Carnaval de Loulé!

A 16 de Fevereiro, isto é quatro dias antes do Carnaval, foi Loulé visitada



Manuel Guerreiro Pereira

por uma luzida embaixada de estudantes do 5.º ano de Medicina da Universidade de Coimbra e no Domingo Gordo, isto é, dia 19 de Fevereiro, aqui aportou outra embaixada do 5.º ano de Direito da Universidade de Lisboa.

Os carros ornamentados que tomaram lugar na Batalha de 20 e 21, eram dos mais lindos e originais que têm aparecido.

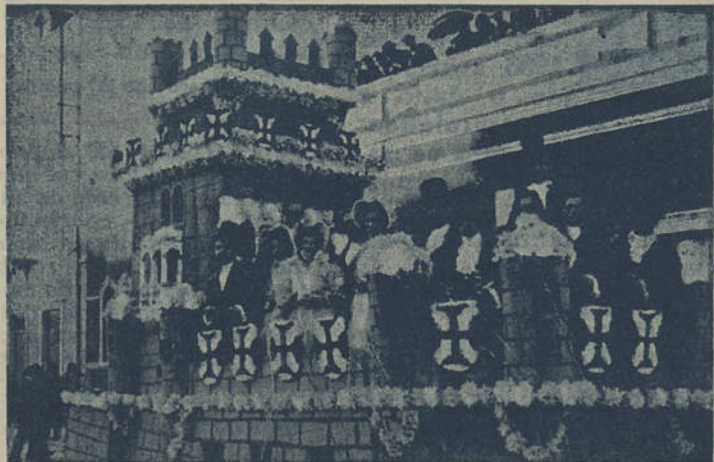
O «Moinho» do sr. João Mendonça a que nada faltava incluindo um burrinho—que para ir socegado foi domesticado com agüardente—era um primor de execução.

O «Carro Eléctrico» do sr. José Ribeiro Ramos, representava um maravilhoso trabalho de construção e acabamento;

A «Torre de Belem» da autoria de um grupo de rapazes de Secção de Finanças, cheia de «Peraltas» e «Cecias» vestidas a rigor deu ao corso uma nota viva de elegância e bom gosto.

«A Galinha» dos srs. Joaquim Coelho, e cunhado, representava também um grande esforço de paciência e execução.

Em 1940 e 1941 prosseguiram as Batalhas com o mesmo ritmo.



Torre de Belém, dos funcionários da Secção de Finanças

Como o primeiro dos anos coincidia com o dos festejos da Fundação e Ressauração não faltaram os carros com os «Castelos da Vila».

O arnabal de 1940, ainda da organização nomeada pelo sr. Manuel Guerreiro Pereira teve lugar nos dias 5 e 6 de Fevereiro.

A seu respeito e assinada por Ígnatius dizia «O Louletano» de 25 de Janeiro de 1940:

«Loulé, num admirável espírito de sacrifício, prepara-se com amorável e simpático carinho para levar a efeito com o maior brilhantismo, as já tradicionais Batalhas de Flores, num alto fim de benemerência que é o apogio e coroa de glória de um povo».

Como carros de 1940 assinalamos uma estação de comboio, pois ao tempo estava em grande evidência e esperança, no conseguimento da variante de Caminho de Ferro para Loulé.

Em 1940 é substituída a

Comissão Reorganizadora do Carnaval



1.º plano—sentados (da esquerda para a direita): Gaspar Fêria, José Francisco da Silva, José Barracha, João Fêria, Bartolomeu Marques, Dr. Frutuoso da Silva, Manuel Guerreiro Pereira, Dr. Maurício Monteiro, Francisco Ramos e Barros, António de Sousa Leal e Joaquim Coelho. 2.º plano—António da Ponte Rodrigues, José Augusto da Piedade, António Bento Carrilho, José Francisco, Albano Ribeiro, José Galo, Anastácio Dourado, Manuel Cebola, José Cavaco, Joaquim Bernardo. 3.º plano—João Santana Bento, Manuel Gonçalves Pinto, Manuel Pedro, José Filhó, Manuel Campina, Joaquim Barracha, António Luís dos Ramos e Maltezinho

Mesa da Santa Casa e toma posse a nova Mesa, que era constituída por: Provedor, Dr. Jaime Rua; Vice-Provedor, Raul Pinto; Secretário, Carlos Ramos; Tesoureiro, Sebastião Marques e como vogais, Amadeu P. Cruz, José F. Costa e João Fêria Domingues.

E' então que a própria Mesa assume a direcção das festas, fazendo-se rodear de todos os elementos da antiga comissão.

Começa neste ano de 1941 a participação das freguesias rurais nas festas do Carnaval, fazendo-se representar Alje, Almancil, Quarteira e Salir.

Sobrevém a 2.ª Guerra Mundial e o período cruento dos racionamentos e dificuldades, interrompendo-se esta tradição que tão alto elevava o concelho de Loulé e tanto prestígio grangeou não só na Província como em todo o País.

Em 1946, é ainda a Mesa da Santa Casa da Misericórdia, quem organiza a Comissão Executiva das Festas, sob a Presidência de Honra de uma Comissão constituída pelos Ex.ªs Srs. Governador Civil, Presidente da Junta de Província, Director das Estradas do Distrito, Comandante da Polícia de Segurança Pública, Presidente da Câmara Municipal, Pro-

um convite ao Turista, seguido de «Duas palavras: Em verso!»

Foi sensacional o Carnaval deste ano em cujo curso se incorporaram riquíssimos carros, tendo gentilmente prestado a sua colaboração a grande artista Eugénia Lima que abrihantou o Concurso dos Corridinhos.

O Cortejo dos Reis do Carnaval era constituído por uma brilhante cavalgada, comandada por Manuel Gonçalves Pinto e António Guerreiro Fome.

— 1948 —

A Comissão Executiva é constituída pelos srs: José Ribeiro Ramos, Arquitecto Manuel Maria Laginha, José Ferreira Torres, Eduardo de Abreu Gama, Eduardo Silvestre, Mário da Conceição e José de Sousa Oliveira.

Como Delegados da Santa Casa, os srs. José João Pablos, Carlos da Graça Ramos e Sebastião Rodrigues Marques. E' o primeiro ano em que

escolha do carro mais apreciado.

Como as Músicas possuíam carros ornamentados, a disputa da eleição, fez-se, na generalidade, em favor destas representações.



Raul Rafael Pinto

Carros que mais se destacaram:

«Jardim» de Manuel Gomes; «Peixe» da Junta de Turismo de Quarteira; «Águia» do Atlético Sporting Clube; «Avião» do sr. Manuel de Sousa Inês Junior; «Gondola» de Alunos do Colégio Infante D. Henrique.

Em 1949, mantem-se a mesma organização. Os carros que mais se destacaram foram:

«Vieira», do sr. Farrajota Alves; «Coche» do sr. Dr. Jaime Rua; «Galola» do comércio local; «Cravos» do sr. Engenheiro Farrajota; «Carro da Amendoeira», da Junta de Turismo de Quarteira; «Piratas» do Atlético Sporting Clube;

Neste ano foi visita de Honra das Festas, o sr. Ministro do México em Portugal que com sua Família assistiu nos 3 dias de festa ao Carnaval de Loulé.

Em 1950, foi o primeiro ano em que a Câmara Municipal tomou parte nos festejos, contribuindo com um vultoso donativo.

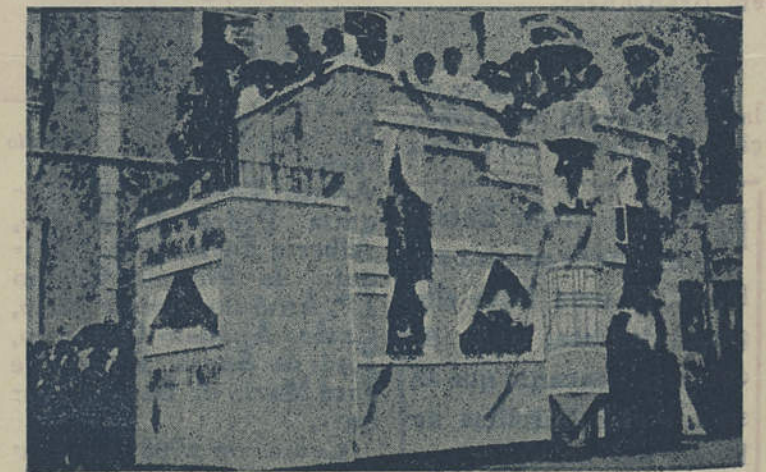
A Comissão Executiva era constituída pelos srs:

Dr. Aires de Lemos Tavares, Presidente da Câmara; Dr. Joaquim da Costa Carvalho, Vice-Presidente; José da Costa Guerreiro, José Ribeiro Ramos, Artur Gomes Pablos, Raul R. Pinto.

Como delegados da Santa Casa aparecem os srs:

José João Ascensão Pablos, Carlos da Graça Ramos, Sebastião Rodrigues Marques.

(Continuação na 5.ª página)



Carro do Sindicato N. das O. da Construção Civil

As Batalhas de Flores de Loulé, não têm paralelo, são a expressão máxima do bom gosto, da beleza e da arte

Obreiros e colaboradores activos do Carnaval de Loulé



Francisco José Ramos e Barros Júnior



Arquitecto Manuel Maria Laginha



José Ferreira Torres



João Campos Santos



Rui Eduardo da Glória Centeno

(Continuação da 4.ª página)

Pela primeira vez organiza-se o «Cortejo Histórico de Loulé». A recepção aos Reis Momos reveste-se de especial relevo. A Rainha e as Damas de Honor aguardam à janela do Cine-Teatro, que o formidável cortejo, constituído por grupos carnavalescos, grupos folclóricos e luzida cavalcada venha exhibir-se perante a Graça de Suas Magestades.

Tudo se realiza com a máxima pompa, mas quando o Rei inicia o seu discurso a Rainha sente uma forte indisposição e é obrigada a retirar-se da janela.

O programa deste ano redigido em verso, dizia:

*«Com fins de beneficência
As festas do Carnaval
Dão a Loulé, excelência
E receita ao Hospital.*

*Diga agora vosselência
Se vale a pena ou não vale!
Dar a Loulé preferência
P'ra passar o Carnaval...*

A Comissão Executiva de 1951 tem a seguinte composição: Dr. Aires de Lemos Tavares, José da Costa Guerreiro, José Ribeiro Ramos, José João Ascensão Pablos, Raúl Rafael Pinto.

Nesse ano contratou a Comissão o cantor Alberto Ribeiro que durante as 3 noites de Carnaval deu espectáculos no Cine Teatro Louletano.

Pouco depois de se ter fechado o contrato com este artista, ofereceu-se o grupo de variedades, «Disco Voador»,

para efectuar esses programas, comprometendo-se o célebre actor Vasco Santana, que fazia parte do elenco, a desempenhar o papel de Rei do Carnaval se fosse aceite o contrato.

Carros lindíssimos tomaram parte no corso, como o «Corche», de José de Brito Barracha e a «Fruteira», da Sociedade Recreativa das 4 Estradas.

Em 1952, foi o Carnaval enriquecido com a reconstituição do Cortejo Histórico Português cujos riquíssimos trajes foram gentilmente cedidos pelo Secretariado Nacional de Informação.

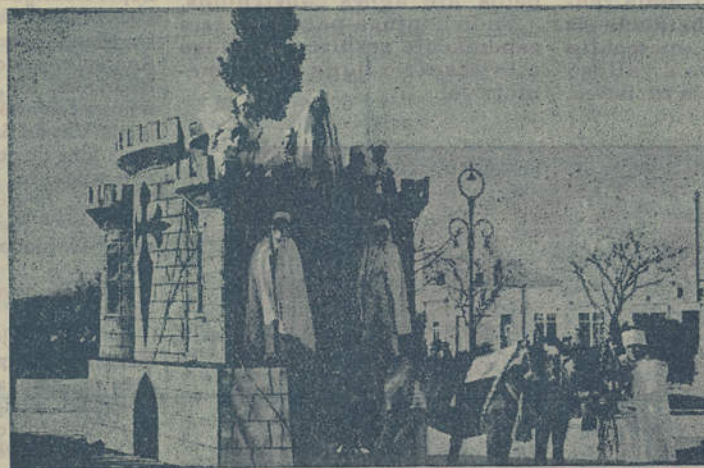
Vale a pena recordar a constituição do referido cortejo: 3 arautos; 1 comandante; 1 tambor-mor; 6 tamborileiros; 6 trombeteiros; 1 comandante da guarda real; 15 soldados da guarda; 6 tocadores de alaude; carro real ladeado por 5 estribeiros a cavalo; 12 pagens; 12 pares do reino; 12 damas (século XVIII); 3 mouros fidalgos; 3 mouros pagens; 6 mandarins.

Foram tantos os carros que mereciam citação que seria enfadonho enumerá-los.

A Batalha de Flores foi igualmente filmada. A ela assistiram, da tribuna, o actual Ministro da Economia, Dr. Ulisses Cortês, acompanhado pelo Deputado pelo Algarve, Sr. Engenheiro Sebastião Ramires.

Em 1953, intercala-se no programa das festas do Carnaval, a parada dos carros e rainhas de beleza do concelho dando ao corso mais uma nota de beleza, graça e distinção.

O programa referia-se a esta inovação nos seguintes termos:



O escudo da vila de Loulé



José Gonçalves de Sousa Oliveira

«Mas que espectáculo este,
Tão rico, tão cheio de cô-I?
Em cada carro, uma rainha
E quatro damas de honor!»

«Cada carro de rainha
Traz uma corte especial
Que em bailados populares
Canta um hino triunfal!»

As mais antigas, tradicionais e afamadas Batalhas de Flores, assumem projecção nacional, sendo os cartazes de propaganda aprovados pelo Secretariado de Propaganda. Dispensamo-nos da citação de carros, dada a já longa extensão desta notícia.

A Comissão Directiva do Carnaval de 1954, é constituída pelos srs. Dr. José Bernardo Lopes, José da Costa Guerreiro, Dr. Manuel Mendes Gonçalves, José Rosal Costa, Rui Eduardo da Glória Centeno, José Ferreira Torres, João Campos, Mário da Conceição, António Laginha Ramos, Fernando Gonçalves Barracha.

A Comissão Executiva é constituída por João Farrajota Alves, José Ferreira Torres, Mário da Conceição, António Laginha Ramos, Fernando G. Barracha, João Campos e Raul Rafael Pinto.

Nova Parada de Rainhas, Cortejo do Rei Carnaval, enriquecido com cavaleiros e reis mouros em camelos.

Na tribuna, assistiram os Srs. General Leonel Vieira, Comandante Militar de Lisboa e o Ministro do Egito em Portugal.

A Comissão Executiva dos festejos de 1955, tem a seguinte constituição: Dr. José Bernardo Lopes, José da Costa Guerreiro, Dr. Manuel Mendes Gonçalves, José Rosal Costa, Rui Eduardo da Glória Centeno, José Ferreira Torres, João Campos, Mário da Conceição, António Laginha Ramos, Fernando Gonçalves Barracha.

Renovou-se o Concurso de Pirotos, iniciativa incluída no ano anterior. Procedeu-se à eleição de Miss Carnaval de Loulé.

(Continuação na 6.ª página)

A par do espectáculo maravilhoso das amendoeiras em flor, o Algarve é, por natureza, a província das chaminés caprichosas, das casas brancas, dos poentes maravilhosos, da alegria vibrante e comunicativa, do corridinho, das lendas, dos poetas, dos prosadores, de guerreiros e navegadores.

E' neste ambiente de sonho que se realizam as Batalhas de Flores de Loulé.



José Guerreiro dos Santos Galo



Joaquim António da Silva



Manuel Correia Júnior



Manuel Martins Mealha



José Pires Cândido

Não é o vulgar Entrudo que se admira em Loulé. É uma festa elegante, distinta, cheia de colorido e encanto que as suas lindas Batalhas de Flores nos oferecem

(Continuação da 5.ª página)

E como se trata do último ano concluiremos esta reportagem com uma pormenorizada relação de todos os carros que figuraram neste corso:

Carro Real—da Comissão de Festas.

Caravela em Filigrana—da Indústria de Ourivesaria, construído pelos comerciantes de ourivesaria de Loulé.

Paleta de Aquarelas—do Povo de Querença com a colaboração dos Dig.^{mas} Professoras da Escola local.

Moinho Holandês—do sr. Dr. Jaime Rua.

Fantasia de Walt Disney—dos srs. José Pedro, José Rosal Costa, José Centeio, Reinaldo Guerreiro, D. Maria Pinto e Dr. João B. Santos.

Crocodilo—do sr. José Verissimo, da Campina.

Guitarra—do sr. Joaquim Nunes, da Campina.

Mesquita Turca—dos Cafés, Restaurantes e Pensões de Loulé.

Driga Romana—dos srs. Daniel de Brito e José Galo.

Dragão Chinês—do Comércio de Fazendas.

Balança—do Comércio de Mercadorias e da casa de Balanças A. P.

Cinderela—dos srs. Francisco Ramos e Barros, José Martins Pontes Júnior, Manuel Avelino e D. Silvina Contreras.

Melancia [com movimento]—da Sociedade Recreativa Loulé-Gare [Quatro Estradas].

Marco Fontenário—duma comissão da Aldeia da Tór.

Fantasia Celeste—da Junta de Freguesia de Alte.

Acordeon e chaminé algarvia—da Junta de Freguesia de Ameixial.

Aspirações Locais—da Junta de Freguesia de Salir.

Joaninha e Borboletas—da Junta de Freguesia de Almancil.

Jardim em fantasia—das freguesias da Vila.

Búzio e Estrela do Mar—da Junta de Freguesia de Quarteira.

Neptuno—da Junta de Turismo da Praia de Quarteira.

Vieira—dos srs. Adelino Ferreira e António Fome.

Disco Voador—do Sporting Clube Atlético.

Girasol—do Ateneu Comercial e Industrial.

Clarinete—da Filarmónica «Artistas de Minerva».

Escola de Música—da Filarmónica «União Marçal Pacheco».

Trenó com Gazetas—Sindicato Nacional dos Sapateiros.

Coche Dourado—do sr. Engenheiro José Martins Farrajota Júnior.

Desfilaram ainda outros pequenos carros de fantasias diversas.

Duas palavras mais...

Procurámos conduzir esta reportagem histórica dos Grandes Festejos do Carnaval, com a maior objectividade, independência e isenção e estamos de bem com a nossa consciência.

Muitos dirão: Falta isto... só falou daquilo... não se lembrou daquilo... A todos diremos: Nada é perfeito neste mundo. E é muito difícil, em tantas cenas rememoradas, lembrar todas.

Que nos sejam perdoadas as faltas maiores, levando-se as mais pequenas à conta de graça de carnaval, já que estamos na época!

R. P.

Automóveis

Informações a compradores e vendedores, fornece Basílio do Nascimento Rua da Barbacã, 54 — LOULÉ.

Visado pela Comissão de Censura

Carnaval de Loulé Notícias pessoais

A PROXIMA-SE a época esplendorosa do Algarve em que a flor da amendoeira com o encanto da sua brancura e a suavidade do seu perfume, empresta a este recanto da terra portuguesa, uma das mais garridas e belas características dos inúmeros motivos e faculdades turísticas que possui.

É um exclusivo desta província de sonho e lenda que explica sempre em mística evocação de uma ancestralidade poética, tudo o que a Natureza lhe oferece de belo e sublime. Tudo é lendário no Algarve. E todas as suas lendas têm uma reminiscência do último domínio árabe, numa época em que a poesia, as letras e as artes floresceram pela cultura e sentimentalismo dos seus reis, que quase haviam trocado as armas pela pena.

Loulé soube aproveitar este sentido de misticismo poético e artístico, que impregna a alma algarvia, criando o seu carnaval de encanto e beleza.

Conjugando a época das flores da amendoeira, com a realização dos seus festejos, Loulé oferece um cartaz inédito de colorido especial, de graça e requinte delicado, uma realização que consubstancia os predicados mais apetecidos para um verdadeiro e valioso cartaz de propaganda turística.

É que o Carnaval em Loulé, tem um sentido diferente do sentido que se dá vulgarmente ao Carnaval. É com arte e bom gosto, com graça e garriedade, não isentas de um notável equilíbrio artístico, que Loulé organiza e realiza os seus cortejos, as suas Batalhas de Flores.

Não é o carro pesado, chelo de mamarrachos disformes e de figuras grotescas que é costume ver em competições deste género. Não! É o carro artístico, com finura e leveza, com preocupações de estética, habilidade e requinte tripulados por lindas e desmascaradas raparigas e onde em geral não falta a evocação da lenda e da flor da amendoeira.

Mais uma vez se vai reviver a tradição.

O Carnaval deste ano vai ter uma feição muito especial no sentido de apuro e perfeição dentro dos princípios que o têm orientado, pois pretende-se assinalar condignamente a comemoração do 50.º aniversário das Batalhas de Flores de Loulé.

Pensa-se que parte dos carros alegóricos representem uma reconstrução dos mais belos até agora construídos.

Tudo conjuga para que este espectáculo resulte grandioso e brilhante e fique assim memorável.



Da neve caída no Algarve em 1954 ficou esta recordação

Feira dos Passos

Aproxima-se o segundo domingo de quaresma em que, nesta vila, se faz a tradicional Feira dos Passos.

Segundo a disciplina religiosa da grande maioria dos portugueses e a lei do País, aplicável a todos os nacionais, o domingo é dia de descanso e por isso, à semelhança do que se faz com a Feira de Nossa Senhora da Conceição, parece lógico harmonizar os factos com as regras legais.

Julgamos mesmo que só com licença especial da I. N. T. P. (especial e que, por excepcional, não deverá generalizar-se) poderá realizar-se no 2.º domingo de quaresma a próxima feira dos Passos.

Está já arreigado o costume dos mercados ao sábado, dia em que a população rural vem abastecer-se e por isso não haverá prejuízo com a antecipação de um dia.

ACHADO

Encontra-se no Posto da G.N.R. e entrega-se a quem provar pertencer-lhe, um porta-moedas, de senhora, com dinheiro.

O Algarve é o formoso jardim onde a amendoeira de niveas pétalas entraja de noite toda uma província nas horas em que floresce e rescende.

ECOS DE FARO

Por motivo da sua recente aposentação, os funcionários de finanças da Direcção e Secção de Faro e alguns dos concelhos do distrito, ofereceram, em 8 do corrente, ao sr. Francisco Martins Galego, oficial da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, um almoço de homenagem, que reuniu mais de tres dezenas de convivas, e serviu, além do fim em vista, de pretexto para uma festa de confraternização.

Aos brindes usaram da palavra diversos colegas do jubulado que enalteceram as suas excelentes qualidades morais, salientando em especial a sua leal cooperação, o seu fino trato e correcção, predicados que lhe grangearam inúmeras simpatias durante os seus 40 anos de serviço público.

Aniversários

Fazem anos em Janeiro:

Em 12, a sr.^a D. Maria Elizabete Mendes Esteves.

Em 15, o sr. João Aleixo Cebola, residente em Cacilhas.

Em 17, o sr. João Gomes da Fonseca, residente em Nova Lisboa.

Em 18, a sr.^a D. Maria Serafim Campina, residente na Venezuela e a menina Maria Gabriela Avila Costa.

Em 19, o sr. Francisco de Sousa Lopes e a sr.^a D. Maria Luísa Dias Fernandes.

Em 20, a sr.^a D. Maria Isabel Vieira Neves, residente em Boliqueime, as meninas Maria do Carmo Narciso Rodrigues e Maria do Rosário Gonzalez Rocheta e o menino António Manuel Nogueira Martins.

Em 21, a menina Maria Inês Teixeira Farrajota Cavaco.

Em 22, as meninas Maria Dulce da Silva Centeno e Maria da Piedade Mimoso Rocheta e o sr. Manuel Fortunato Cairos.

Em 24, o menino José Mimoso Rocheta.

Em 25, a sr.^a D. Maria de Lourdes Duarte Barros.

Em 30, a menina Maria da Assunção Rua Espadinha Galo e o sr. Anibal Guerreiro Correia.

Pedidos de Casamento

— Para o sr. Frederico dos Santos Lopes Rodrigues, professor do Liceu Pedro Nunes, de Lisboa, filho da sr.^a D. Maria Teresa dos Santos Lopes Rodrigues e do sr. Frederico Lopes Rodrigues, foi pedida em casamento a nossa conterrânea sr.^a D. Maria Gabriela Vaz de Barros Vasques, prenada filha do nosso prezado assinante e amigo sr. José Maria de Barros Vasques, funcionário do Banco de Portugal em Portimão e de sua esposa sr.^a D. Maria Clara Vaz de Barros Vasques.

O enlace deverá realizar-se brevemente.

— Pelo sr. Joaquim Henriques de Carvalho, foi pedida em casamento, para seu filho sr. Fernando da Silva Cavvalho, a menina Maria de Lourdes Carapeto de Sousa Ramos, filha da sr.^a D. Judite de Brito Carapeto Ramos e do sr. Tenente João Mendes de Sousa Ramos.

Casamentos

— Na Igreja Paroquial de N.^a S.^a do Rosário de Fátima, em Lisboa, realizou-se, no passado dia 26 de Dezembro, o casamento da sr.^a Dr.^a D. Lucrécia da Silva Clemente Pinto, prenada filha do sr. Francisco Clemente Pinto, comerciante em Braço de Prata, e da sr.^a D. Albertina da Silva Clemente Pinto, já falecida, com o nosso conterrâneo sr. Dr. Sérgio Macias Marques, filho do sr. Bartolomeu Rodrigues Marques e da sr.^a D. Maria da Madre de Deus Macias Marques (falecidos).

Foi oficiante o Rev.^o Capelão da Marinha e nosso prezado conterrâneo, sr. P.^o João Soares Cabeçadas, amigo da família do noivo, que celebrou a Missa e no final dirigiu aos noivos algumas palavras cristãs sobre o Sacramento do Matrimónio.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, seu irmãos sr.^a D. Cândida da Silva Clemente Pinto e o sr. Francisco Clemente Pinto Júnior, e, por parte do noivo, seus tios sr.^a D. Maria das Dores Macias Garcia e o sr. Bartolomeu Garcia Rodrigues.

Terminada a cerimónia religiosa foi pelo pai da noiva oferecido um finíssimo «lunch» que teve lugar em casa dos irmãos do noivo em presença de numerosos convidados, e após o que os nubentons seguiram para Sintra.

Aos jovens casais desejamos as maiores felicidades.

Gente nova

O lar do nosso prezado amigo sr. Amádio Guerreiro Amado e de sua esposa sr.^a D. Maria Odete Simão Barreiros Amado, foi enriquecido no passado dia 23 com a chegada da pequenina Susana Barreiros Amado, de quem são avós maternos o sr. Francisco Joaquim Barreiros e a sr.^a D. Maria do Carmo Simão Barreiros e avós paternos o sr. Jacinto Martins Amado e a sr.^a D. Maria Guerreiro Palmilhas Amado.

Os nossos parabéns aos pais e desejos de longa e feliz vida para a recém-nascida.

Falecimentos

— Faleceu, no dia 7, nesta vila, a sr.^a D. Maria do Carmo Valadares de Aragão e Moura de 85 anos, viúva do Major Jacinto Honório José de Moura e filha de José Joaquim de Aragão Valadares e de D. Maria Francisca de Barros de Aragão Valadares, já falecidos.

Era mãe da sr.^a D. Maria do Carmo Valadares de Aragão e Moura Soares, já falecida, e do sr. João Valadares de Aragão e Moura, zeloso gerente do Grémio de Lavoura deste concelho e avó do sr. Fernando de Aragão Moura Soares, residente em Lisboa.

O seu funeral constituiu grande manifestação de pesar, tendo-se incorporado grande número de pessoas.

A ilustre família e em especial aos nossos prezados amigos, seu filho e neto, renovamos as nossas sentidas condolências.

— No passado dia 22 de Dezembro, faleceu o sr. Joaquim Mendonça Portela, proprietário, residente no sítio do Areiro, casado com a sr.^a D. Maria Adelina Norte, falecida, pai das sr.^{as} D. Maria Adelina Mendonça Portela, residente na Argentina e D. Joaquina Guerreiro Portela, residente no Brasil, e dos srs. Manuel Mendonça Portela, residente na França, Francisco Norte Portela, nosso prezado assinante e comerciante na nossa praça, Joaquim Mendonça Portela, residente na Venezuela e José Mendonça Portela (falecido).

— Como consequência de uma melindrosa operação a que se submettera 3 dias antes, faleceu em Lisboa a 13 do corrente o sr. José do Carmo Chagas, de 65 anos de idade, comerciante em Tavira, que deixava viúva a sr.^a D. Maria do Rosário Chagas.

Era pai dos srs. Custódio Marcelino Chagas, João Nicolau Chagas e Daniel Francisco Chagas, residentes em Angola e do sr. Emídio do Carmo Chagas proprietário da Farmácia Confiança nesta vila e nosso prezado amigo e assinante.

— Com a idade de 81 anos, faleceu no pretérito dia 12, nesta vila, o sr. Joaquim Alberto Iria, natural de Olhão, casado com a sr.^a D. Felicidade Pereira Iria. Era pai dos nossos prezados amigos srs. João Tiofilo Iria, conceituado comerciante da nossa praça e Dr. Joaquim Alberto Iria Junior, prestigiosa figura em Lisboa, onde é Director do Arquivo Histórico Ultramarino, e avó dos srs. João Maria da Graça Iria, Pedro Lino da Graça Iria, Carlos Alberto Stichaner Iria e das sr.^{as} D. Maria Teresa Stichaner Iria e D. Ana Maria Stichaner Iria.

As famílias enlutadas apresentamos os nossos pêsames.

Gatunos perigosos

A POZ porfiados esforços levados a efeito sob a inteligente direcção do activo chefe do posto da G. N. R. de Loulé, foi há dias capturada uma perigosa quadrilha de meliantes que desde algum tempo vinha pondo em sobressalto a população desta vila e arredores.

Um dos gatunos foi capturado pelo soldado da G. N. R. José Guerreiro Duque, que se disfarçou de camponês, proporcionando ao gatuno que lhe pedisse fogo para acender um cigarro.

Os meliantes detidos são: Manuel Bernardo Gonçalves (O Robolo), natural das Barreiras Brancas, Francisco Manuel Agostinho, de Alte, José de Sousa Clemente (O Carrilho) e José Joaquim Clemente, do Pego do Centeio (Loulé).

Os gatunos assaltaram residências e estabelecimentos no campo e entre o muito que lhes foi apreendido contam-se artigos de mercearia, carnes, foforos, papel de fumar, tabaco, objectos de ouro, dinheiro, uma grafonola, etc.

Fogão a lenha

Em bom estado e com três bocas, estufa e forno vende-se em conta.

Nesta redacção se informa.

Associação de Assistência à MENDICIDADE

«Labor omnia vincit» tem sido a divisa da nossa Associação.

Com mais ou menos trabalho, com mais ou menos êxito ocasional, temos indo singrando, temos ido vencendo.

Olhando para trás, para os dois anos de labor decorridos, alguns motivos de satisfação e de aprazimento já temos, e conosco todos os componentes da nossa agremiação, todas as pessoas e entidades que generosa e dedicadamente nos têm ajudado.

Deixou de haver a mendicância pelas ruas e portas da vila. O aspecto da nossa terra é muito outro, a satisfação dos nossos conterrâneos, por esse facto, é manifesta, e o seu contentamento é evidente, como se depreende de todas as conversas e apreciações.

Desapareceu, felizmente, uma mácula que nos vexava e deprimia. Foi um triunfo que se obteve graças ao proflado e tenaz esforço e insuperável dedicação de muitas e abnegadas pessoas. A generosidade dos louletanos, ao seu firme propósito, discretamente, de maneira elevada e cristã, dando com uma das mãos sem que a outra o saiba, e à ajuda das entidades oficiais, tudo é devido.

Quanta benemerência se tem exercido, quanta caridade tem brotado dos corações bem formados dos naturais ou dos habitantes desta terra e de muitos residentes fora da terra-mãe?

Só quem está à frente de uma Associação desta natureza, o pode avaliar.

Bem hajam todos os que directa ou indirectamente, por forma efectiva ou por simpatia, têm ajudado esta magnífica obra, que se pode considerar já um titulo de orgulho para a nossa terra: não haver felizmente mendigos pelas portas e ruas da vila e a nossa acção já ter podido entender-se a alguma pobreza recolhida, quantas vezes a mais necessitada, a que afoga em lágrimas os seus sofrimentos e privações, a que sente no desamparo a maior e mais cruciante dor — a falta do indispensável.

Prosseguiremos na obra enquanto nos fôr possível, seguros de que continuaremos a contar com a valiosa colaboração de todos.

A Comissão

“Novidades”

Estão em curso os trabalhos destinados à celebração, no próximo dia 29, do dia do *Diário Católico*, destinado à propaganda daquele nosso colega doutrinário da capital e órgão officioso do Venerando Episcopado Português.

A campanha será feita no sentido de incutir nos católicos a consciência viva da necessidade do *Diário Católico* e responsabilizá-los pela sua existência a expansão.

É um grave caso de consciência para os católicos e para ele nos aprez chamar a atenção dos nossos leitores que o sejam.

Serão distribuídas pagelas e, em vários pontos do País, serão feitas palestras uma das quais será transmitida no próximo dia 28 pela Rádio Renascença, às 20 horas e 50.

Domingos R. Ferreira

Aceita todos os trabalhos de torno e pequenos trabalhos de mecânica geral.

Avenida José da Costa Mealha — Loulé.

Parteira

Enfermeira - Paericultora
Av. José da Costa Mealha 38 — LOULÉ

ÁTILA

(Conclusão do número anterior)

Vêm estas considerações a propósito do filme *Atila*, exibido no cinema desta vila na noite de 15 de Dezembro. Acharmos esta reconstituição notável em variados aspectos, um dos quais é o de não falsear escandalosamente a verdade histórica, como infelizmente é hábito consumado em filmes do género. Tem indiscutível interesse as reconstituições das hordas barbaras, dos acampamentos, dos seus combates e dos seus costumes, e não podemos deixar de notar o sábio aproveitamento de dois factos que historicamente não estão bem esclarecidos: a morte de Breda, irmão de Atila, e a conversa do chefe huno com o Papa S. Leão Magno. Quanto ao primeiro, não se sabe se teria sido assassinado pelo irmão, directamente, ou se teria perecido em desastre de caça, accidental ou não. Em qualquer dos casos a cena, de optima contextura, se não representa a verdade está pelo menos tão perto que a sua admissão é legítima, e como tal deve ser aceite. Quanto a segundo, é natural que já mais se esclareça, porque, além dos interlocutores parece não ter havido mais ninguém que tivesse conhecimento do que realmente se passou entre ambos. Frisemos que o narrador assim o declara muito honestamente. Apenas se sabe ter Leão Magno dito ao Imperador: «Agradecemos a Deus que nos livrou dum grande perigo».

Todavia, nem tudo são rosas. Com efeito, a cronologia dalguns acontecimentos não foi respeitada e a verdade histórica aparece alterada em factos que, no nosso entender, nada melhoraram com o processo. Não é, por exemplo verdadeira a fuga da irmã do Imperador Valentiniano III para o campo bárbaro, nem os acontecimentos subsequentes. Com efeito, o encontro com o Papa deu-se no ano de 452, e quinze anos antes Honória tinha realmente enviado um anel esponsalício a Atila, e a promessa de metade do Império em dote. Volvidos 15 anos é Atila que vai reclamar o cumprimento da promessa, o que alarma a corte romana, que, procurando furtar-se, prepara o casamento de Honória com o patricio Flávio Cássio Herculano. Por outro lado Atila havia sido derrotado um ano antes na sangrenta batalha dos Campos Mauriácos, onde é hoje Chalons-Sur-le-Marne, e na qual se contaram para cima de 250.000 mortos. Esta foi sem dúvida uma das maiores batalhas do tempo, e segundo alguns, Atila teria preferido fazer-se queimar vivo a entregar-se. Foi-lhe permitida a retirada por concessão do general romano Aécio, o «último dos romanos», e único comandante dos exércitos romano e godo, após a morte em campo de Teodorico, rei dos visigodos.

Também não é verdade que Aécio tenha perdido a vida numa das escaramuças da invasão de 452, após a tomada de Aquileia. Com efeito, os exércitos hunos tinham sido detidos ao norte do rio Pó, onde estavam a ser dizimados pelo calor excessivo, a que não estavam acostumados e ainda pela sede, doenças e depauperamento físico motivado pela carência de alimentos que as populações em fuga haviam destruído. Ao sul do Pó dispunham-se as legiões romanas, bem abastecidas e disciplinadas sob o comando de Aécio, o qual pensava, com acerto, que, prolongada por mais tempo a crítica situação do exército huno seria este facilmente destruído. Foi nestas circunstâncias e sem conhecimento do grande general que o Imperador, tomado de pavor, solicitou a intervenção do Papa.

O histórico encontro deu-se no rio Mincio, e os hunos retrocederam. Aécio, em troca do seu valor e lealdade foi traioeiramente assassinado por ordem do Imperador.

Finalmente assinala-se que a superstição exerceu sempre poderosa influência sobre o chefe huno, facto que também está bem patente no filme. Teria sido a superstição que, após o incidente da catedral de Reims que não é focado, teria permitido que Paris fosse salva, e, consoante também

As Batalhas de Flores de LOULÉ e a caridade

(Continuação da 8.ª página)

realizadas, foi distribuído aos pobres, num bodo em estrado armado para esse efeito na Praça, junto ao edifício da Escola Primária Conde de Ferreira.

Mas logo a alma louletana, sempre sublime, sempre caridosa, sempre sensível à desdita, se sentiu chocada com o espanto da esmola dada publicamente, como então era hábito corrente e geral.

Nos anos seguintes, já assim não foi, e o produto das festas foi distribuído recatadamente, de maneira mais recolhida e mais humana, nos claustros do Terreiro Municipal, sem que o espectáculo ferisse a modéstia de quem recebia e deslustrasse a magnanimidade de quem dava.

Manifestando-se assim, de maneira tão brilhante, a fina sensibilidade da alma louletana, não admira, não pode admirar nunca, que os mesmos louletanos voluntária, livremente, com orgulho, com satisfação indizível, com alcance social inultrapassável, tenham fundado e mantenham uma Associação de Assistência à Mendicidade. Não causa pois admiração esse facto, pois está ele na génese dos melhores sentimentos deste bom povo.

Manuel Guerreiro Pereira

Casa dos Rapazes

Em edição do Instituto de Assistência Social D. Francisco Gomes (vulgo Casa dos Rapazes), recebemos o relatório dos 10 anos de vida desta benemérita instituição.

António Augusto dos Santos conseguiu uma maneira original de, numa prosa leve, chistosa e por vezes enternecedora, relatar o que é a vida e a educação, o que tem sido a receita e a despesa e quais os resultados da instituição, sem nos fatigar com a frieza dos algarismos nem a aridez das contas. No entanto, entremeados os números numa prosa alegre, fica-se a fazer uma ideia do valor desse alfôbre de futuros homens.

Felicitemos António A. Santos e cumprimentamos o director do Instituto, capitão Marques Loureiro a cuja dedicação se deve essa maravilhosa, obra. A «Casa» chama Augusto Santos a «mamã», pois ao capitão Marques Loureiro devem os rapazes o interesse, os cuidados e a orientação dum verdadeiro Pai. Bem haja.

se declara no filme, os homens com nomes de animais sempre inspiraram o maior dos terrores a Atila. Ora, o Papa chamava-se Leão.

Vê-se, por consequência, que a verdadeira contextura dos factos históricos não tem menor conteúdo emocional ou espectacular que a ficção introduzida; e lastimamos no que o filme desmerece por introdução daquela.

Loulé, 17-XII-55.

J. M. Farrajota Cavaco

Benemerência

O grupo de estudantes que organizou um baile de beneficência no passado dia 28 de Dezembro recebemos a seguinte carta:

Loulé, 4 de Janeiro de 1956.

...Sr. Director do jornal «Voz de Loulé»

Com pedido de publicação, enviamos para o vosso conceituado jornal, as contas das festas de beneficência que realizámos nestas férias de Natal.

Receita:

Cotização entre 33 estudantes	1.000\$00
Receita dum desafio de futebol	450\$50
Produto de entradas no baile	4.360\$00
Total	5.810\$50

Despesas:

Várias	173\$60
Orquestra, pessoal de serviço, direitos de autor	1.232\$50
Ornamentação da sala	158\$60
Ceia	1.050\$70
Futebol	84\$10
Total	2.699\$50
Saldo	3.111\$00

Também por este meio, queremos agradecer ao digníssimo Presidente da Câmara, Ex.^{ma} Sr. José da Costa Guerreiro, pela muita gentileza, com que atendeu todos os nossos pedidos.

A Gerência do Cine Teatro Louletano, ao Sporting Clube Atlético, Louletano Desportos Clube, União Marçal Pacheco, e Sociedade Recreativa Artística Louletana e para todos que de qualquer maneira contribuíram para a nossa pequena festa apresentamos também os nossos agradecimentos.

Pedindo desculpa do espaço que tomamos, e agradecendo os vossos simpáticos artigos somos:

Atenciosamente — A Comissão

Secretaria Judicial Julgado Municipal de Albufeira ANÚNCIO

No dia dezasseis do próximo mês de Fevereiro, pelas onze horas, no Tribunal Municipal de Albufeira, em virtude da execução de sentença que, na comarca de Faro e nos autos de inventário orfanológico por óbito de Maria da Luz Barradas e outro, Alexandrina Barradas move contra Clotilde Leal Valeroso, há-de ser posto pela primeira vez em praça, para ser arrematado pelo maior lance oferecido superior ao valor adiante indicado, o seguinte prédio:

Prédio a arrematar

Uma morada de casas, com rez do chão e primeiro andar e uma dependência, na Rua da Igreja, do povo e freguesia de Paderne, a confrontar do norte com João Madeira e rua, do nascente com José Rocha, do sul com António Correia e do poente com o referido João Madeira, descrita na Conservatória do Registo Predial de Albufeira sob o número cinco mil trezentos noventa e nove, a folhas cento e vinte e cinco do Livro B-catorze e inscrito na respectiva matriz urbana sob sete oitavos do artigo noventa e três, com o valor matricial corrigido, de dois mil novecentos e setenta e seis escudos. Vai á praça no valor de dois mil novecentos e setenta e seis escudos.

Albufeira, doze de Janeiro de mil novecentos e cinquenta e seis.

O Chefe de Secção,

(a) Adelino A. Leitão Correia

Verifiquei:

O Juiz Municipal,

(a) António Manuel G. Saldanha

NOVO REGENTE da Filarmónica União Marçal Pacheco

ASSUMIU as funções de regente desta antiga Banda da Sociedade Filarmónica União Marçal Pacheco, o sr. Armando Carapeto 1.º sargento músico reformado, natural do nosso concelho.

O novo regente foi apresentado aos componentes da Banda, numa breve sessão em que usaram da palavra o nosso Director, o sr. José da Costa Guerreiro e o sr. Manuel de Sousa Lopes, respectivamente, antigo Presidente da Direcção, Presidente da Assembleia Geral e Vice-Presidente da actual Direcção.

Folgamos imenso com o facto, pois confiamos em que a proficiente experiência e o gosto artístico do sr. Carapeto conseguirão levantar a apreciada Banda da decadência em que estava e reconduzi-la ao elevado nível que atingiu, nos seus tempos de gloriosa lembrança.

Ecos de Salir

Realiza-se nesta localidade nos próximos dias 25 e 26 do corrente a «Feira de Janeiro» que costuma ser muito concorrida e onde se efectuam muitas transacções.

No dia 5 de Fevereiro realiza-se a festa em honra de Luis e S. Sebastião padroeiro da freguesia, de cujo programa consta: missa cantada, com sermão ao Evangelho por um distinto orador. Na tarde haverá venda de ofertas e procissão com as imagens que percorrerão as principais ruas.

A Junta de Freguesia distribuiu na véspera de Natal um bodo aos pobres mais necessitados, benemerita iniciativa que foi muito apreciada.

C.

VENDE-SE

Um aparelho de ajour, em estado novo, marca Singer.

Tratar na Av. Marçal Pacheco, 80 — Loulé.

Brincar sem molestar, aproveitando a beleza, elegância e distinção, só nas BATALHAS DE FLORES em Loulé

Por nos ter sido impossível incluir no presente número, só no próximo publicaremos, em 2 páginas, uma reportagem gráfica dos melhores carros alegóricos dos últimos anos e de que tenhamos fotografias.

Quem a deseje guardar como recordação das Bodas de Ouro, deverá juntar essa folha ao presente número.

A Voz de Loulé

Noticias Pessoais

Partidas e chegadas

— Por ter sido colocado como Chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Olhão, retirou há dias para aquela vila, com sua família, o nosso prezado assinante e amigo sr. Rui Eduardo da Glória Centeno, que teve a gentileza de vir á nossa redacção apresentar os seus cumprimentos de despedida.

— Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção o nosso prezado amigo e colaborador sr. Elidio da Piedade Costa, residente em Carvoeiro (Lagoa).

— Com curta demora, esteve em Loulé o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. Leonilde Gonçalves Conceição, funcionário da C.P. em Lisboa.

— Vindo da Venezuela, encontra-se entre nós o nosso prezado assinante sr. Cristóvão Pinto Leal.

— Regressou de Lisboa, aonde foi passar as festas com seus sogros, a sr.ª D. Maria da Assunção Lopes Cunha, acompanhada de seus filhos.

— Partiu para Luanda, onde foi fixar residência, o sr. José Mariano da Encarnação Romeira.

— A passar as festas com seus tios, srs. João de Oliveira e esposa, esteve em Loulé o sr. António Nascimento Dias, aluno do Instituto Superior Técnico.

— Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção o nosso prezado assinante em Faro sr. Arnaldo Santos, funcionário do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.

— Acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Laurinda Leal Farrajota Ricardo, tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção o sr. Jaime Cristóvão Ricardo, nosso conterrâneo e prezado assinante em Lisboa.

— Com curta demora esteve em Loulé a nossa conterrânea sr.ª D. Lídia de Barros Guerreiro Pereira, proprietária da Farmácia Algarve, em Lisboa.

— Em viagem de negócios deslocou-se a Angola, acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Lisete Dionísio Bota Passos, o nosso prezado assinante e amigo sr. José dos Santos Centeno Passos.

A Imprensa

e o Carnaval de Loulé

É com muito prazer que a Comissão de Festas regista a valiosa colaboração da Imprensa, nomeadamente a do Algarve, na publicação de notícias referentes às festas do Carnaval de Loulé, dos anos anteriores.

E porque esta colaboração muito pode contribuir para o bom êxito dos festejos comemorativos das Bodas de Ouro, a Comissão organizadora penhoradamente a agradece e espera que estas festas continuem a merecer da referida imprensa a atenção que merecem.

Não pode no entanto deixar sem reparo, o facto de a imprensa diária de Lisboa não dar às festas do Carnaval de Loulé o realce que todos os louletanos entendem merecerem, pois trata-se na verdade de uma festa que transcende o carácter regional e que sem dúvida é a mais importante que no género se realiza em Portugal. E este valor atestam-no o facto de ainda em 1955 ter movimentado cerca de 50.000 pessoas, centenas das quais se deslocaram da região do Norte, atraídas pela merecida fama que o nosso Carnaval já tem em todo o País.

E isto tem sido tanto mais notado

As Batalhas de Flores e as Freguesias de LOULÉ

A comissão encarregada de levar a efeito as melhores batalhas de flores de sempre, presidida pelo nome ilustre e veneranda figura do Senhor Dr. Bernardo Lopes, acaba de levar a efeito a sua anunciada visita às sedes das freguesias do concelho e a alguns sítios, tendo-lhe sido prestada entusiástica recepção e prometida a mais viva e calorosa colaboração nas festas que se aproximam.

Por toda a parte se notou gritante entusiasmo, sendo particularmente notáveis as recepções prestadas em Almancil, Alte, Benafim, Boliqueime, Salir, Quatro Estradas, Quarteira, Querença, Parragil e Tór, em cujas localidades foram exibidas artísticas vistas cinematográficas dos corsos realizados nos anos anteriores, precedidas de acolhedoras sessões nas quais usaram da palavra os Senhores Drs. Maurício Serafim Monteiro e Manuel Mendes Gonçalves que em breves palavras puseram em destaque os fins que presidem à nossa festa com especial realce do seu significado eminentemente humano, social e artístico.

E' realmente de enaltecer a espontaneidade da cooperação oferecida, no meio de verdadeira euforia bairristica sendo de assinalar a verdadeira apoteose com que foi recebida a Comissão, e de toda a justiça salientar, sem desprimor para os restantes freguesias, o ambiente festivo que reinava em Almancil, Querença, Quatro Estradas e Parragil.

Por toda a parte se ouviam foguetes a indicar a chegada da Comissão, sendo transparente a alegria exuberante pela ideia feliz de levar aos mais recônditos lugares do nosso concelho o apelo sincero de que a Comissão das Festas encarregada de organizar a comemoração das Bodas de Ouro do nosso Carnaval, de todos espera a maior e melhor colaboração para que a Batalha de Flores de 1956 resulte a **melhor de sempre!**

Cobrança de assinaturas

Avisamos os nossos estimados assinantes que brevemente vamos pôr à cobrança os recibos de «A Voz de Loulé» respeitantes ao 1.º trimestre do corrente ano. Os que desejarem liquidar a sua assinatura anualmente poderão remeter a respectiva importância à nossa redacção ou avisar-nos desse facto.

A todos pedimos o costumado bom acolhimento.

VENDEM-SE

Uma camioneta Ford LA 11-37. Peso bruto 6.583 kg. Tara 2.780 kg.. Em bom estado de funcionamento.

Furgoneta Fordson LF 15-22. Utilitária e com 600 kg. de tara.

Tratar com José Rocheta Morgado.

quando e certo ser dada larga reportagem a outros festejos carnavalescos realizados no Norte e que estão longe de atingir o brilhantismo do Carnaval de Loulé.

e a caridade

AS festas das Batalhas de Flores de Loulé denotaram sempre, desde o seu início, a par de um acentuado cunho artístico, um fim altamente filantrópico. Sempre, em todos os tempos, as suas características principais, foram estas concepções de arte e sublimes propósitos de amor do próximo, manifestados no desejo de socorro aos necessitados.

E' consolador verificar estas circunstâncias que justificam, sem dúvida, o assinalado êxito que sempre tiveram estas nossas festas. O amor dos pobres a norteá-las, como farol seguro e certo, e as manifestações de arte, como expressão máxima do sentir deste povo, que sempre e com singular perseverança o tem exteriorizado quer na música, quer na poesia, quer nas variadas manifestações artísticas, desde o artesanato, à construção civil, à indústria etc. evidenciando que possui uma alma de artista e de poeta.

O ideal é, em quase todas as suas manifestações, o crisol em que se fundem e amalgamam as suas actividades.

Nasceram artistas os louletanos, e, como tal, são músicos e são poetas.

Os requintes da sua sensibilidade manifestaram-se a partir da sua primeira Batalha de Flores, já lá vão longos cinquenta anos, o produto da qual, juntamente com o das admiráveis récitas de amadores teatrais na mesma altura

(Continuação na 7.ª página)

Despedida

Rui Eduardo da Glória Centeno e esposa, tendo de se ausentar para Olhão, onde acabam de fixar residência, e não tendo podido, como seria seu desejo, despedir-se individualmente de todas as pessoas que os honraram com a sua estima e amizade durante a sua permanência nesta Vila, vêm fazê-lo por este meio, aproveitando o ensejo para oferecer os seus limitados préstimos em Olhão.

Subscrição para o Carnaval

À Comissão de Festas continuam a afluír as dadas enviadas por louletanos, ciosos do seu bairrismo e fervoroso amor às belas iniciativas da sua terra, cujos nomes a seguir gostosamente publicamos:

De Portugal

Dr. José Guerreiro Murta — Lisboa	500\$00
D. Joaquina de Sousa Ramos — Lisboa	50\$00
Joaquim Hipólito Pinto Lopes, »	30\$00
Eng.º José António Madeira—Lisboa	100\$00
Eduardo R. Pinto J.º—Luz de Tavira	100\$00
V. O.—Lisboa	50\$00
Octávio Fernandes—Lisboa	200\$00
Pedro de Freitas—Barreiro	50\$00
Oliveiros de Sousa Cristina—Portimão	200\$00
Francisco Elias Garcia—Faro	50\$00
José Martins Rainha—Coimbra	25\$00
José Martins Seruca—Lisboa	100\$00
José M. Gregório—Setúbal	50\$00
Manuel Maria de Freitas Júnior	300\$00
Pedro C. Barros—Lourenço Marques	500\$00

A transportar . . . 2.305\$00

Do Estrangeiro

Idalino Apolónia Casanova (Venezuela)	10 dólares	286\$00
Analide Ramos Martins(Canadá)	1 dólar	28\$60
José Narciso (Canadá)	2 dólares	57\$20
M. E. Rodrigues—U. S. A. (17,5 dólares)		500\$50
José de Campos Lopes—Marrocos		35\$00
José de Sousa Café (Venezuela), 7,48 dólares		194\$50

A transportar . . . 1.101\$80

Também é agradável registar que as cartas vêm geralmente acompanhadas de palavras de incitamento ao prosseguimento destes festejos e deixam transparecer claramente a satisfação com que os nossos conterrâneos cooperam num empreendimento que tão alto tem colocado o nome de Loulé.

José Ribeiro Ramos

Foi concedida a escusa que pediu do cargo de Vereador da Câmara Municipal de Loulé, o nosso prezado amigo e assinante, Sr. José Ribeiro Ramos, a quem durante muitos anos esteve confiado o pelouro de luz, água e limpeza, cargo que desempenhou com grande proficiência e agrado geral dos munícipes.

O nosso Carnaval

A fim de tratarem de vários assuntos que muito podem contribuir para uma maior projecção do nosso Carnaval, deslocaram-se a Lisboa os membros da Comissão das Festas, srs. João Farrajota Alves, José Ferreira Torres e João Campos, que durante a sua estadia na capital diligenciaram a solução de vários assuntos de grande interesse para os Festejos de este ano.

Original retido

Em virtude de o presente número ser quase exclusivamente dedicado aos 50 anos do Carnaval de Loulé, fomos forçados a deixar de remissa vário original cuja publicação no presente número se tornou impossível, pelo que pedimos muita desculpa aos nossos estimados colaboradores e correspondentes.

Também por este motivo não foi possível inserirmos no presente número uma pormenorizada reportagem da despedida do Sr. José da Costa Guerreiro, da Vereação e do funcionalismo da Câmara Municipal.

Quarto em Lisboa

Aluga-se, só para guardar mobília.

Nesta redacção se informa.

O Carnaval de Loulé constitui uma das mais atraentes e curiosas festas de Portugal